



PERSPECTIVAS TEÓRICAS E CRÍTICAS NAS LITERATURAS AFRICANAS & A PERSPECTIVA PÓS- COLONIAL

Ana Mafalda Leite¹

RESUMO: O ensaio discute duas linhas de força nos estudos críticos africanos, a afrocentrista e a eurocentrista, que aglutinam vários e diferentes períodos do século XX, e *contribuíram para uma certa percepção e constituição de um cânone crítico africano* e aponta para a inovação dos estudos pós-coloniais.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Críticos Africanos. Cânone Crítico Africano. Estudos Pós-Coloniais.

ABSTRACT: The essay discusses two power lines in African critical studies, the afrocentrist and the eurocentric, featuring several different periods of the twentieth century, that contributed to a certain perception and establishment of an African critical canon and points to innovation of postcolonial studies.

KEYWORDS: African Critical Studies. African Critical Canon. Postcolonial Studies

Eurocentrismo *versus* afrocentrismo

Adeleke Adeeko, um crítico nigeriano prestigiado e conhecido nas bibliografias sobre estudos africanos, tem um texto intitulado “My signifier is More Native than yours: Issues in Making a Literature African”. Poderíamos traduzir da seguinte maneira: “O meu significante é mais nativo que o vosso: Questões em torno da africanização de uma Literatura ou Questões acerca de como tornar uma literatura africana”.

Neste ensaio, Adeleke problematiza de forma acutilante as polémicas relativas aos posicionamentos críticos sobre as literaturas africanas, mostrando algumas das discussões polarizadas e inevitavelmente radicais que se desenrolaram na área dos estudos africanos de língua inglesa, nomeadamente os posicionamentos classificados de eurocentristas e de afrocentristas.

¹ Doutora em Letras. Professora Associada com Agregação na Universidade de Lisboa. E-mail: anamafaldaleite@gmail.com.

Em linhas gerais podemos dizer que o posicionamento, eurocêntrico, nasce num primeiro momento de uma desadequação dos parâmetros do discurso crítico relativamente à literatura e cultura africanas, uma vez que o ponto de partida é o cânone ocidental e a utensilagem teórico-crítica tem respaldo em correntes como o *new criticism*, o estruturalismo, e outras.

O segundo posicionamento, afrocentrista, por seu turno, com forte enraizamento nativista e local, reivindica, entre vários aspectos, a legitimidade do conhecimento da cultura africana, a necessidade de uma teorização enquadrada na cultura africana, bem como pode tomar posições liminarmente xenófobas, reclamando a origem, ou o ser africano, para a compreensão e análise crítica destas literaturas.

No fundo, essa atitude fundamenta-se num discurso que aponta para o nativismo, para o dentro, para a diferença, para uma dimensão fundamentalmente social e comunitária, para um julgamento de autoridade interno, por vezes adquirindo mesmo um cariz policial e purgatório, enquanto a primeira posição alerta para a dimensão universal, a subjectividade, o esteticismo, a paridade de julgamento crítico sobre o literário, independentemente, da origem geográfica e continental.

Embora a problemática da bipolarização afrocentrismo/eurocentrismo relativa ao discurso crítico sobre as literaturas africanas tenha surgido fundamentalmente a partir de vozes oriundas das literaturas africanas de língua inglesa e francesa, onde mais cedo começaram as reivindicações e movimentos culturais e literários emancipadores, essa tipologia crítica dicotómica tem contornos muito antigos.

Além da carga neo-romântica da discussão, surgida na europa com o romantismo e o advento das nacionalidades, surgiu também em outros contextos culturais. Lembramos, por exemplo, que existiu uma polémica similar na Rússia no século dezanove entre ocidentais e eslavófilos, hoje já quase esquecida, em que participaram Dostoiévski e Turguenev.

Tais posições dicotómicas existiram também nos estudos ibero-americanos, e ainda se mantêm, mais atenuadas, reenviando, em última análise, qualquer uma destas discussões para uma tipologia que opõe universalismo a particularismo/ localismo/ nativismo, o último definindo-se por oposição ao primeiro.

A tipologia nativista encena um par reprodutível em vários outros idênticos: dentro/fora, indígena/alienígena, local/universal, e fundamenta-se numa dicotomia em que são apenas visíveis dois lados de um jogo dúplice, o “nós”, os de dentro, e “eles”, os de fora.

Com posições mais ou menos extremadas, a retórica das tradições indígenas em África, que se desenvolve a partir do início do século XX, apela para a concepção de uma personalidade africana, de um passado e de uma cultura africanas, que se mostram mais ou menos homogêneas, e que são, preversa e parcialmente, invenções da própria Europa.

São latentes nestas formações discursivas, polarizadas, elementos de mitologização das culturas pré-coloniais, que acabaram por ser incorporadas e legitimadas pelos próprios africanos, bem como fabricação de concepções sobre África pela Europa.

A homogeneização e as diversas retóricas do discurso afrocentrista/nativista vão naturalmente ser visíveis no discurso crítico sobre a literatura africana, especialmente na segunda metade do século XX, época em que se começa a desenvolver mais sistematicamente um *corpus* crítico sobre essas literaturas.

Retóricas do Afrocentrismo/Nativismo e do Eurocentrismo

A crítica literária africana tanto anglófona como francófona – e, de forma um pouco diferente, a crítica literária africana em língua portuguesa, seguindo de forma singular alguns destes rumos, embora surgindo mais tardiamente por razões de ordem histórica – orientou-se, quase até ao final do século XX, por princípios que podemos designar por afrocentristas, em que as ideias de nativização e de diferença fundamentaram o “programa” de reconhecimento da “africanidade” nos textos literários.

Há, por assim dizer, um cruzamento entre a ideologia e o pensamento crítico, - aliando-se a dimensão nacionalista a uma postura tradicionalista - que promoveu o cancionero popular, a oralidade, a ruralidade. Segundo o crítico nigeriano Emmanuel Obiechina, essa postura crítica é fundamentada em uma “retórica da indigenização”. Semelhante procedimento de canonização crítica engloba três dimensões fundamentais: formal, temática e linguística.

A primeira dimensão dessa retórica da indigenização fundamenta-se numa estética da africanidade, que recupera como princípio ordenador a tradição pré-colonial de contadores, poetas e actores da oralidade, mitificando uma estética coletiva e populista, colocando em causa a individualidade do artista e sua subjetividade. Situa-se aqui a geração da Negritude e as primeiras produções pós-independência, o grupo nigeriano *Bolekaja* e críticos variadíssimos, de Janheinz Jahn (*Muntu*, 1958) a Mohamadou Kane (*Roman Africain et Tradition*, 1982), apesar do sempre valioso interesse fundacional destes trabalhos.

O mito essencialista de uma originalidade africana, alicerçado nos modelos tradicionais da cultura africana, não controla a singularidade das múltiplas e diferentes culturas locais africanas. E este é um ponto central na crítica a tais posturas. Por exemplo, o beninense Nourdiémi Tidjani-Serpos, no seu ensaio *Aspects de la Critique Africaine*, aponta para o perigo da guetização da crítica literária africana:

Com efeito, é necessário ter vivido sob os auspícios dos mesmos antepassados para ser um bom crítico; é evidente que desembocamos rapidamente numa espécie de micro-nacionalismo, ou numa crítica etno-regionalista que faz a consagração dos micro-nacionalismos políticos. (TIDJANI- SERPOS, 1987: 21)².

Na sequência desta preocupação fundacional dominante, surgem outras adjacentes, como as temáticas que pressupõem a recuperação de passados pré-coloniais, a exaltação de ancestralidades perdidas, a par de um cantalutismo resultante das independências recém-conquistadas, neste caso bem destacado no caso das literaturas africanas de língua portuguesa.

Por outro lado, a forte conexão entre literatura e ideologia levou, neste caso e em outros, à exclusão de retóricas outras, que não ideologicamente empenhadas, isto pese, embora, as boas intenções dos críticos e a importância dos seus trabalhos fundadores. Semelhante situação, em que a dominante ideológica prevaleceu, teve lugar, por exemplo, nos primeiros anos de exercício histórico-crítico às literaturas africanas de língua portuguesa, mas com muitas e complexas variantes, em que se destacam a actividade fundadora de Manuel Ferreira, de Gerald Moser, de Maria Aparecida Santilli, de Benjamim Abdala Júnior e de Russell Hamilton.

2 “En effet puisqu’il faut avoir vécu sous le signe des mêmes ancêtres pour être un bon critique, il est évident que nous aboutissons rapidement au micro-nationalisme, mieux à une critique étno-régionaliste, consacrant les micro-nationalismes politiques.”

Diadorim, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 142-149.

A segunda dimensão da retórica indigenista é simultaneamente formal e temática, uma vez que propõe interpretações mais ou menos idealistas das formas tradicionais/orais do teatro, da poesia e da ficção, em que se fundamentam as obras modernas africanas contemporâneas. Veja-se, por exemplo, a interpretação de Soyinka sobre a tragédia africana a partir dos rituais yoruba. Ou a concepção dos diversos tipos de narração que recuperam modos de géneros orais. Muitas destas últimas opções investigativas alicerçaram também a crítica das literaturas africanas em língua francesa e portuguesa, com resultados produtivos, de que se destacam na nossa área a contribuição fundamental de vários especialistas, entre os quais saliento Salvato Trigo, Lourenço do Rosário, Gilberto Matusse, Laura Padilha, Luis Kandjimbo, Odete Semedo, Inocência Mata e eu própria, entre outros.

A preocupação da terceira dimensão da retórica indigenista tem a ver com o nativismo linguístico, enquanto invenção de meios que permitam o crescimento de artefatos literários nas línguas nacionais. Para Ngugi Wa Thiong'o, as línguas africanas são depositárias de histórias étnicas e nacionais e as formas narrativas, o léxico, o aparato retórico, a sintaxe, são modulados na história da comunidade linguística.

Esta discussão em torno da língua e das políticas linguísticas é ainda hoje tema central de debate na nossa área, e tem feito correr produtivamente muita tinta, por parte de críticos e de escritores, com reflexões enriquecedoras e iluminantes, e tem feito surgir literatura que tematiza a língua de forma surpreendente e inovadora, a partir, por exemplo de Luandino Vieira e de Uanhenga Xitu.

Mas, passando para o outro lado do espelho, encontramos uma outra postura retórica, que podemos designar como eurocentrista, que pode apresentar várias formas. Farei referência a algumas, também sem pretensão totalizadora como nas referências anteriores.

Estas construções discursivas do eurocentrismo podem consistir numa desadequação cultural, contextual ou teórica da análise crítica, enquadrada num comparatismo, percebido sempre a partir do ponto de vista do cânone ocidental, ou podem, numa outra perspectiva, privilegiar uma dimensão nacionalista e ideológica do texto literário, dando relevo à percepção nacionalista e política.

Outras perspectivas críticas do eurocentrismo revelam tendencialmente pendor para a “exoticização” do discurso crítico e para a guetização da literatura africana, ao procurarem os analistas demonstrar a alteridade do texto africano, considerando o modelo realista como o adequado à narrativa, e demarcando a originalidade africana relativamente ao cânone ocidental através de um reportório de formas e de uma visão, mais ou menos antropologizante, herdada do século XIX.

No fundo, essa última atitude da compartimentação da “diferença” leva semelhante empenhamento crítico a resultados que o aproximam - sem querer aqui minorar as necessárias e muitas diferenças - por caminhos diversos, a aproximá-la das posturas do trajeto afrocentrista que, por seu turno, herdou, ainda que de forma indireta, uma parte significativa dos estudos antropológicos do ocidente.

Essas duas linhas de força nos estudos críticos africanos, a afrocentrista e a eurocentrista, embora diferentes de autor para autor, e de país para país, aglutinam vários e diferentes períodos do século XX, e *contribuíram para uma certa percepção e constituição de um cânone crítico africano.*

Gostaria de evidenciar que muitos dos trabalhos fundadores da crítica nas literaturas africanas de língua portuguesa, podem ser enquadrados numa ou em outra destas tendências, ou escapar-se-lhes, mas convém lembrar que são referências bibliográficas importantes de consulta, e se entrecruzam num contexto e cronologia históricas, que de certo modo justificam ou enquadram as opções teórico-analíticas tomadas.

Os posicionamentos dos autores do *corpus* fundador de trabalho da crítica nas literaturas africanas de língua portuguesa revela, parece-me, uma tendência para a constituição de periodologias e de histórias literárias nacionais, a partir de antologias, de monografias de autor ou de género, de entrevistas, fazendo uso de uma instrumentação teórico-analítica diversificada, e muito mais heterogénea do que no caso da crítica anglófona e francófona. Enquadro nestes trabalhos de cariz histórico-literário, e de género, as tão importantes e diferentes contribuições de Pires Laranjeira, de Fátima Mendonça, Carmen Tindó Secco, de Francisco Noa, de Almiro Lobo, de Rita Chaves, de Tânia Macedo, de Moema Parente Augel, de Patrick Chabal, de Michel Laban, entre outros.

Eurocentrismo e Afrocentrismo: Polarizações Perigosas

A sul-africana Benita Perry chama-nos a atenção para a necessidade de pensar e reflectir na organização discursiva das dicotomias radicais e mostra como esse tipo de “discurso-contra” se constrói: o sujeito de enunciação toma a posição de separação e de negação, que é muito diferente da noção de desidentificação (que se constitui como uma forma de trabalho sobre o assunto, enquanto transformação e deslocamento).

A autora mostra que é necessário o deslocamento, a distância e o trabalho transformativo, ou seja estabelecer um ponto de vista crítico a partir de um terceiro termo, e não apenas considerar a dualidade, que pressupõe a negação e a abolição: “constitutes a working (transformation, displacement) of the subject-form and not just its abolition” (PARRY, 2010: 274).

Por outro lado Robert Young, teórico britânico, tece considerações em como a procura de uma posição nativista pode também apenas representar o desejo narcísico de encontrar um outro que possa reflectir as assumpções ocidentais de si próprio: “the narcissistic desire to find an other that will reflect western assumptions of selfhood” (YOUNG, 1990: 165).

Uma outra perspectiva, a de Achille Mbembe, ensaísta e teórico dos Camarões, considera como o nativismo aparece na sua versão benigna sob a forma de uma ideologia, que glorifica a diferença e a diversidade, e que luta pela salvaguarda dos costumes e das identidades, que se sentem ameaçadas.

O crítico alerta os nativistas, lembrando-os que, nas suas formas estereotipadas, os costumes e as tradições que eles reclamam não foram, a maioria das vezes, inventadas pelos indígenas, mas sim pelos missionários e pelos colonos. “Os indigenistas esquecem que nas suas formas estereotipadas, os costumes e as tradições que reclamam não foram grande parte das vezes inventadas pelos próprios indígenas, mas sim por missionários e colonos.” (2010: 229).³

Outras posições como a de Paulin Hountondji, filósofo do Benin, mostram como essas polarizações, equacionadas pelo afrocentrismo e pelo eurocentrismo, são perigosas e desastrosas

3 “Les indigénistes oublient que, dans leurs formes stéréotypées, les coutumes et les traditions dont ils se réclament furent souvent inventées par les indigènes eux-mêmes, mais en fait par les missionnaires et les colons.” *Diadorim*, Rio de Janeiro, Especial 2016, p. 142-149.

para os estudos africanos, dizendo-nos que a cultura africana deve voltar-se para o seu pluralismo interno, e que os africanos, enquanto sujeitos, devem libertar-se psicologicamente e desenvolver uma relação livre tanto com a tradição cultural africana, quanto com as tradições culturais de outros continentes.

Essa atitude, segundo Hountondji, não é nem de ocidentalização, nem de aculturação: é uma liberdade criativa que vai enriquecer a tradição africana, enquanto sistema aberto de opções.

O que temos que perceber é que essa polarização tem sido desastrosa e que a sua destruição é uma das primeiras e mais importantes condições para o nosso renascimento cultural. A cultura africana tem que voltar a si própria, ao seu pluralismo interno e à sua abertura essencial. Temos, porém, enquanto indivíduos, que nos libertar psicologicamente e desenvolver a relação/relacionamento livres tanto com a tradição cultural africana quanto com as tradições culturais dos restantes continentes. Este não será um processo de ocidentalização nem de aculturação: será simplesmente uma liberdade criativa que enriquecerá a própria tradição africana enquanto um sistema aberto de possibilidades. (HOUNTONJJI, 2010: 269).⁴

Interessa-nos então perceber que estas dualidades opositivas, já não são produtivas actualmente para os estudos críticos literários africanos e que este tipologia dicotómica, para além do seu inevitável enraizamento epocal e ideológico nos nacionalismos - que pressupõem subliminarmente outras questões como a questão colonial, a questão de dependência e de subalternidade, a questão de racialidades sonegadas e de etnicidades emergentes -, pressupõe sobretudo um enquadramento histórico, nomeadamente no século XX, no quadro das literaturas africanas anglófona e francófona, em especial, envolvendo as décadas de 30 a 80.

A Perspectiva Pós-Colonial

Se a teoria, a crítica e a história literárias são disciplinas, são também géneros e os géneros têm genealogia, tempo e lugar de fundação. Assim a problemática da dimensão universal da teoria deve ser repensada localmente. Mais do que cair de novo na dicotomia da negação, como é exemplo a posição de certos africanos relativamente à teoria, apontada como eurocêntrica, propondo que esta deva ser substituída por uma outra, a africana, o necessário é tomar posicionamentos que permitam estabelecer a forma de re-negociar a teoria a partir de uma enunciação localizada, e com outra perspectiva, diferencial.

Convém não esquecer que se o lugar de onde se produz a teoria é importante, também não menos importante é lembrar o modo como a teoria viaja, ou retomando a concepção de Edward Said reconsiderar “a teoria itinerante”, ou o modo como se dá a deslocalização e a mudança de perspectiva daquilo que se pode designar como ponto de vista pós-colonial.

A perspectiva pós-colonial é deste modo uma outra forma de interpretar a teoria e a tradição europeia e ocidental, lendo-a como fez o martiniquense Franz Fanon ao ler e repensar a teoria

4 “What we must now realize is that this polarization has been disastrous and that its destruction is one of the first and most important conditions of our cultural renaissance. African culture must return to itself, to its internal pluralism and to its essential openness. We must therefore, as individuals, liberate ourselves psychologically and develop a free relationship both with African cultural tradition and with the cultural traditions of other continents. This will not be a process either of westernization or of acculturation: it will simply be creative freedom, enriching the African tradition itself as a open system of options.”

de Lukács e de Hegel em *Os Condenados da Terra*, simultaneamente a partir de fora e de dentro da Europa. “Este movimento sugere a possibilidade de que lugares, sítios e situações sejam activamente diferentes para a teoria, sem universalismos fáceis ou totalizações generalizadoras”, diz-nos Said (2005: 42).

Se o intelectual produtor de teoria é resultado de uma específica formação social, por outro lado o intelectual africano é produto de um encontro histórico com o ocidente, e compete-lhe essa recolocação disciplinar e teórica, feita a partir de um diverso ponto de vista, o pós-colonial.

À perspectiva dicotómica e ortodoxa das teorias eurocêntricas e das afrocêntricas radicais, salutar e estimulante é pois pensar como e para onde a teoria viaja, e como ao viajar até aí, o seu núcleo se reacende e transforma, se re-localiza e repensa.

Parece-me que esta é uma posição enunciativa fundamental do ensaísta e crítico das literaturas e estudos africanos, consciente de que vive num mundo onde a circulação do conhecimento é imparável, mas em estado de transformação e de adequação a novos e distintos contextos culturais.

Outras perspectivas críticas nos estudos literários africanos: das retóricas da indigenização aos estudos pós-coloniais

No entanto, já na década de noventa do século passado, muitos estudos críticos, começam a tratar o texto literário africano utilizando categorias e conceitos da teoria literária, sem necessariamente colocarem a questão da origem da teoria, também sem a preocupação essencialista com a alteridade do texto africano, procurando adequar utensílios teóricos provenientes de uma revisão da antropologia ou outras ciências auxiliares, sem cair em posições extremadas. Enquadram-se nesta perspectiva, estudos de carácter marxista, sociológico, estudos de género, ultrapassando as vertentes do discurso crítico pan-africano, do discurso militante, do discurso nativista e ainda do eurocentrista.

Alguns dos resultados teóricos dos estudos culturais e pós-coloniais, também já muito diversificados no início do actual século XXI, serviram também para uma articulação mais equilibrada de conceitos e atitudes críticas no que respeita os estudos críticos literários africanos.

Assim, notamos um desenvolvimento variado das posturas e de teorias críticas, um útil desenvolvimento reflexivo de tópicos pós-coloniais ligados à revisão da crítica sobre o colonialismo e sua história, elementos que contribuiram para uma dinâmica diferencial da instrumentação teórica, cruzando áreas como a antropologia, a história, a sociologia, os estudos feministas e psicanalíticos, e outras, como por exemplo a teoria “queer”. Enfim, são variadíssimos os tópicos que têm a ver com a noção de fronteira, de globalização, de transnacionalidade etc – no fundo, prefigurando as diferentes vias de pesquisa crítica, em que nos últimos trinta anos os estudos pós-coloniais se têm ramificado e expandido.

Tais novas posturas críticas, plurais, já menos centradas em dualismos ou visões críticas extremadas pela dicotomia afrocentrismo/eurocentrismo, vêm de par com um novo tipo de escritor africano, cuja visão do continente e da nação se transforma. Há muitos escritores africanos das novas gerações que já não partilham de posições temáticas essencialistas, experimentando a necessária pluralidade das escolhas formais e temáticas.

Muitos deles, por razões pessoais, profissionais, políticas ou outras, escrevem fora dos seus países, em processos de diáspora, convocando partilhas de diversa ordem, linguística, formal, temática; assumindo posições muito críticas perante alguns dos seus regimes, ditatoriais e opressivos, criando deste modo novas etnopaíses (Appadurai) nas suas escritas.

Questões ligadas à globalização, ao genocídio, às guerras civis, à imigração, à violência sexual, às diferenças de género, ao cosmopolitanismo e às narrativas de viagem, percorrem as publicações africanas do século XXI, e a elas não são alheias as literaturas africanas de língua portuguesa, cuja modernidade se alicerça no seu próprio processo e percurso histórico, diferencial em relação às congéneres em outras línguas.

Referências:

ADEKO, Adeleke. *Proverbs, textuality and nativism in african literature*. Gainesville: University Press of Florida, 1998.

HOUNTOUNJJI, Paulin. True and False Pluralism. *African literature*. Oxford: Blackwell Publishing, 2010.

MBEMBE, Achille. *Sortir de la grand nuit*. Paris: La Découverte, 2010.

OBIECHINA, Emmanuel. Cultural Nationalism in Modern African Creative Literature. *African literature today* 1 (1968): 24-35.

PARRY, Benita. *Postcolonial studies: a materialist critique*. London: Routledge, 2004.

SAID, Edward. Reconsiderando a Teoria Itinerante. In: SANCHES, M. R. (org.). *Deslocalizar a Europa*. Lisboa: Cotovia, 2005.

TIDJANI-SERPOS, Noureimi. *Aspects de la critique africaine (critique littéraire)*. Paris-Lomé: Editions Silex; Editions Haho, 1987.

YOUNG, Robert. *White mythologies: writing history and the west*. London: Routledge, 1990.